

Adeptos de religiões de matriz africana triplicam e chegam a 1%

Aumento de seguidores declarados pode ser explicado por mobilização política, cultural e comunitária de líderes religiosos e influenciadores, dizem especialistas

DELTA FOLHA

SÃO PAULO Com o maior crescimento proporcional entre 2010 e 2022, as religiões afro-brasileiras viram seu número de adeptos mais que triplicar e chegar a 1.849.324 pessoas no Brasil, segundo dados do Censo Demográfico 2022 publicados nesta sexta-feira (6).

Deste contingente, classificado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sob a categoria de umbanda e candomblé, 42,9% eram brancos, 33,2% eram pardos e 23,1% pretos. No total da população brasileira, pardos são 45,3%, seguidos por brancos (43,5%) e pretos (12,5%).

Em relação ao Censo anterior, a proporção de pessoas brancas entre os praticantes da umbanda e do candomblé caiu 3,8 pontos percentuais. Em 2010, elas representavam 46,7% dos seguidores dessas religiões. Essa queda, entretanto, não significa que pessoas brancas deixaram de seguir a religião, já que, em números absolutos, eles passaram de 245 mil seguidores para 794 mil.

Pardos e pretos passaram a representar mais na proporção de fides das religiões de matriz africana, com um crescimento respectivo de 2,8 e 1,4 pontos percentuais. Em números absolutos, houve um acréscimo de 454 mil pardos e 314 mil pretos.

Quando analisado cada grupo separadamente, 1% dos brancos

seguem essas religiões, 2,3% dos pretos e 0,8% dos pardos. No total da população, 1% dos brasileiros declararam ser adeptos da umbanda ou candomblé — em 2010, essa taxa era de 0,3%.

Mesmo com as variações, o retrato racial da religião mantém o mesmo do Censo de 2010, quando os brancos já eram a maior parcela em proporção. O cálculo considera as pessoas com 10 ou mais anos de idade.

Autodeclarados brancos são a maior parte dos seguidores da Umbanda e do Candomblé no Distrito Federal e em sete estados: Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Na Bahia, pretos são predominantes. Nos outros estados a predominância é de pardos. O grupo de idade predominante nas religiões afro-brasileiras são adultos de 30 a 39 anos, que representam 22,6% de todos os seguidores. A faixa com menor proporção é a de 10 anos ou mais (1%). As mulheres são a maioria entre adeptos às religiões de matriz africana, representando uma parcela de 56,7%. Homens são 43,3%.

Os dados do Censo também revelaram o nível de escolaridade dos praticantes da Umbanda e do Candomblé. Entre eles, 39,9% têm ensino médio completo ou superior incompleto, enquanto 25,5% concluíram o en-

Percentual de praticantes de religiões afro-brasileiras, por município

Inclui umbanda, candomblé e outras crenças

% da população acima de 10 anos

0 2,5 5 7,5 10



42 dos 50 municípios com mais praticantes de religiões afro-brasileiras estão no Rio Grande do Sul

- 1 Viçosa é a cidade com maior percentual do país (9,3%). Fica ao lado de Porto Alegre, a capital com maior percentual (6,4%).
- 2 Mongaguá é o município paulista com maior percentual (8,9%).
- 3 Itaparica é o município da Bahia com maior percentual (6,3%).

Fuente: Censo 2022, IBGE
Infografia: Nicholas Prentis

sino superior. Já 19,9% não têm instrução ou não completaram o ensino fundamental, e 14,7% possuem o fundamental completo ou o médio incompleto.

Para a pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião Carolina Rocha, os últimos anos têm sido marcados pela afirmação de identidade afro-brasileira, o que pode favorecer uma declaração de pertencimento a religiões como candomblé e umbanda. "A subnotificação no Censo das tradições de matriz africana vem devido a uma série de fatores no Brasil. A violência, o racismo religioso, a perseguição às tradições de matriz africana, uma certa confusão também entre o que é ser espírito e o que é ser de terreiro".

Para ela, um crescimento em declarações seria um resultado de mobilização política, cultural e comunitária de lideranças religiosas, coletivos de terreiros, influenciadores e movimentos sociais. A especialista também cita a ampliação de políticas de inclusão racial, como a lei de cotas, de 2012, formando mais acadêmicos negros e ampliando a visibilidade dessas religiões entre jovens e levando a novas formas de pertencimento étnico-racial e religioso.

O Rio Grande do Sul é conhecido pela forte concentração de terreiros de religiões de matriz africana. Não é possível identificar as razões desse fenômeno a partir dos dados do Censo Demográfico. O que podemos dizer é que o Rio Grande do Sul sempre apresentou, em comparação com o restante do país, um percentual elevado de pessoas praticantes de umbanda e candomblé, desde 1980, quando o Censo divulgou pela primeira vez dados sobre os praticantes dessas religiões", disse o IBGE.

Lucas Lacerda, Natália Santos, Anna Virginia Bultrami e Nicholas Prentis

Um terço dos indígenas brasileiros é evangélico, diz levantamento

Lucas Lacerda e Natália Santos

SÃO PAULO A proporção de evangélicos entre os indígenas é maior do que em qualquer outra divisão de cor ou raça no país, mostram dados do Censo Demográfico 2022 publicados nesta sexta-feira (6) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O recorte indica que 3 de cada 10 (32,2%) pessoas desse contingente professam a fé protestante.

Somando 1.369.916 habitantes, a população autodeclarada indígena no país com 10 ou mais anos de idade é predominantemente católica (42,7%).

Um terceiro ház, estão pessoas sem religião (11%). Quem é adepto de tradições indígenas soma uma parcela de 7,6%. Com isso, os indígenas (que somam 0,5% das pessoas com 10 anos ou mais no Brasil) representam 0,7% dos evangélicos. A proporção aumentou na comparação com 2010 (0,5%).

Entre os outros grupos, 32% de quem se considera pretos se declara evangélico, 29,3% entre pardos, 23,5% entre brancos e 14,3% entre amarelos.

No total da população, 56,7%

dos brasileiros se declararam católicos, 26,9% evangélicos, e 9,3% sem religião. Outros 0,1% disseram seguir tradições indígenas.

O Norte do país concentra a maior parcela (39,3%) de indígenas evangélicos. Centro-Oeste (37,4%), Sul (36,1%), Sudeste (29,4%) e Nordeste (22,7%) aparecem na sequência.

Na comparação entre os estados e o Distrito Federal, as maiores proporções de evangélicos entre indígenas estão em Rondônia (49,5%), Amapá (46,9%) e Mato Grosso do Sul (45,1%). Na outra ponta, Pernambuco (12,3%), Alagoas (12,7%) e Piauí (13,8%) têm as três menores parcelas.

Em números absolutos, Manaus tem o maior número de indígenas evangélicos entre os municípios, com 26.918 pessoas, o que representa 44,1% do total de pessoas indígenas com 10 anos ou mais de idade na cidade. Em termos relativos, 382 municípios tinham 100% de seus residentes indígenas autodeclarados evangélicos.

A pergunta para os residentes de terras indígenas e em setores de agrupamentos indígenas foi "qual a sua crença, ritual indíge-

na ou religião?" O Instituto não divulgou nesta sexta dados separados por territórios indígenas.

A definição de uma única religião por meio do recenseamento pode ser mais delicada entre populações indígenas, segundo especialistas ouvidos pela Folha. Na Terra Indígena Yanomami, por exemplo, onde já se estabeleceram missões religiosas de diferentes vertentes, como católica e evangélica, as pessoas podem conhecer outros deuses sem deixar de lado os próprios.

"Mesmo que alguém tenha se declarado católico, não quer dizer que tenha deixado, por um princípio da cultura yanomami, de participar dos rituais yanomami. Não faz sentido ser uma coisa ou outra", diz o coordenador do programa Povos Indígenas no Brasil do Instituto Socioambiental, Moisés Martins. Para ele, a definição em uma categoria estanca pode não refletir a pluralidade espiritual entre comunidades indígenas.

Já no Sul do país, a natureza mais aberta da fé evangélica pode ajudar a explicar sua popularização, mas não no formato original levado pelos missionários, ao

32,2%

dos indígenas professam a fé protestante

42,7%

dos indígenas com 10 ou mais anos de idade são católicos

11%

desta população afirma não seguir nenhuma religião

7,6%

é a parcela dos adeptos de tradições indígenas

menos em territórios kaingang. É o que diz o doutor em antropologia pela UFSC Ledson Kurtz de Almeida, que pesquisou rituais, a cosmologia e as religiões cristãs entre esse povo indígena nos três estados do Sul.

"São abertas a receber, mais que a católica, uma ascensão de líder indígena que pode se tornar dirigente ou pastor. Muitas vezes fazem cultos na língua indígena ou conduzem os cultos para um ritual a que já estão acostumados, um xamanismo ou crença".

Em territórios das etnias guarani e kaingang na região de Dourados (MS), a relação com outras profissões de fé, como a evangélica, tem sido marcada por conflitos, diz o pesquisador kaingang Itaque João.

Em parte, diz ele, isso acontece porque algumas tradições cristãs veem com maus olhos características e rituais das etnias. "As igrejas nunca tiveram uma relação amigável com a tradição guarani-kaingang. Isso sempre acarretou grandes conflitos sociais, emocionais, culturais. Porque a tradição guarani-kaingang tem muito a ver com canto, dança, uso de cor, de se pintar".